

Inclusão

Diversidade e Inclusão Educacional
Educar para a Diversidade



Guarulhos
CIDADE
EDUCADORA



CIDADE DE
GUARULHOS



A escola inclusiva é aquela que reconhece e respeita as diferenças dos educandos diante do processo educativo e concretiza-se não só no acesso e na permanência deles, como também busca a participação, o desenvolvimento e a aprendizagem de todos, promovendo práticas pedagógicas inclusivas.



(QSN, Introdução, p. 33)



EXPEDIENTE

Prefeito de Guarulhos

Gustavo Henric Costa

Secretário Municipal de Educação

Alex Viterale

Subsecretária Municipal de Educação

Fábia Costa

Diretora do Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas - DOEP

Solange Turgante Adamoli

Elaboração e autoria

Patrícia da Silva Matildes Aguiar
Solange Turgante Adamoli

Revisão de Texto

Ana Paula Lucio Souto Ferreira

**Departamento de Orientações Educativas
e Pedagógicas - DOEP**

Guarulhos, 2024



CARTA AO LEITOR

É com grande satisfação que compartilhamos com vocês um pouco mais sobre o nosso compromisso com a diversidade e inclusão educacional. Acreditamos que a educação deve ser acessível a todos, respeitando as necessidades e características individuais de cada educando. Nosso trabalho é guiado por uma série de ações que buscam promover a inclusão de forma concreta e efetiva.

As ações descritas até aqui são fruto de um trabalho coletivo, envolvendo a parceria entre os departamentos, a formação de professores, o Projeto na diferença se faz e se aprende, as tecnologias assistivas e todo o trabalho desenvolvido pela equipe multidisciplinar. Cada edição é dedicada a um tema específico, oferecendo ferramentas e reflexões para que a inclusão não seja apenas um conceito, mas uma realidade vivida em nossas escolas.

Em cada uma dessas práticas, tivemos como norte o princípio da equidade, assegurando que todos os alunos tenham acesso ao aprendizado de maneira justa e apropriada às suas necessidades. Acreditamos que, juntos, podemos construir uma escola onde a diversidade é celebrada e cada aluno encontra seu espaço para crescer.

Boa leitura!!!

Equipe da Diversidade e Inclusão Educacional.

SUMÁRIO

06

Formação Permanente: caminho para a superação de barreiras atitudinais

07

Caminhos e possibilidades para a Educação Inclusiva

08

Escola dos diferentes ou escola das diferenças

10

Acolhimento dos educandos

11

A luta das pessoas com deficiência

13

Conhecendo e identificando barreiras

16

Conhecendo outras formas de comunicação humana

22

A importância da rotina no ambiente escolar

30

Atividades de vida diária no contexto escolar

35

Rede de Apoio aos educandos com deficiência

41

Igualdade ou equidade

42

Plano Pedagógico Individualizado

43

O papel do professor

46

Programa Saberes em Casa

47

Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla

48

Fascículos

49

Seção Técnica de Apoio Terapêutico e Educacional

59

Referências Bibliográficas

FORMAÇÃO PERMANENTE

Caminho para a superação das barreiras atitudinais

O trabalho com pessoas com deficiência é difícil. Será?

Acreditamos que seja desafiador, pois o “diferente” assusta. A palavra DIFERENTE está entre aspas de forma intencional, afinal é essencial fazermos-nos a pergunta inversa: SOMOS TODOS IGUAIS?

É perceptível a dificuldade no trabalho docente desde que a Educação para Todos foi assumida pelo Governo Federal nas escolas públicas. Quem são esses TODOS?

São crianças, jovens e adultos das classes populares, muitas vezes em situação de vulnerabilidades socioeconômicas; são os migrantes, que forçosamente vêm em busca de possibilidades de sobrevivência; são pessoas com deficiência (deficiência essa causada por inúmeras condições: ingestão de medicamentos contraindicados na gestação; subnutrição das mães; falta de acesso a acompanhamento médico; parto desumanizado, principalmente no caso das pessoas com paralisia cerebral), ou seja, ainda somos uma sociedade que produz algumas deficiências. Ah, mas e o autismo? O Autismo ou o Transtorno do Espectro Autista – TEA é um problema no desenvolvimento neurológico que prejudica a organização de



pensamentos, sentimentos e emoções.

Para ter seus direitos básicos (saúde e educação) as famílias lutaram para classificá-la como deficiência.

Nas escolas, o fato de um educando apresentar um laudo, em alguns locais, já o rotula como sendo uma pessoa incapaz.

Nós, professores, coordenadores pedagógicos, diretores de escola, em algumas localidades, nos isentamos do nosso fazer pedagógico e atribuímos exclusivamente à Saúde a solução para as pessoas com deficiência.

Nosso papel é realizarmos AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA! Identificarmos os conhecimentos que as pessoas têm consolidados, definir as aprendizagens que precisam ser desenvolvidas, planejar estratégias que favorecerão esse percurso, realizarmos as propostas, avaliarmos se os resultados foram alcançados e replanejar os próximos passos. Precisamos nos colocar no lugar de **PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO**.

Para que isso aconteça, é fundamental a formação continuada. Surge, então, o curso Caminhos e possibilidades para a Educação Inclusiva!

CAMINHOS E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA



Assim como todas as formações da rede municipal, esse curso foi construído em consonância com o Quadro de Saberes Necessários – QSN que norteia as práticas pedagógicas. A formação dos educadores e a implementação de políticas públicas devem estar pautadas em uma concepção de educação que reafirme o papel político, social e cultural da instituição escolar, em busca da construção de uma sociedade que respeite a igualdade, a pluralidade e lute com afinco pela qualidade social da educação.

Buscamos a construção de uma escola inclusiva, democrática e plural que ofereça acesso, permanência e qualidade de ensino para todos os educandos. Tendo em vista os desafios enfrentados para implantação de mudanças, é fundamental que as reflexões sejam realizadas num esforço coletivo, por todos os agentes envolvidos na educação. Os profissionais e os demais responsáveis pelas instituições educacionais têm o dever de deflagrar as discussões e implantar ações definidas pela coletividade.

Para tanto, é necessário que a equipe escolar cultive no seu cotidiano, práticas fundamentadas na ética, no respeito às diferenças, no compromisso de todos com a aprendizagem dos educandos, educadores, pais, gestores e que se pense a formação contínua alicerçada no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola contemplado pelos princípios da educação inclusiva.

Tal participação deve apresentar experiências exitosas a partir das quais é possível obter possibilidades, ressignificando o olhar do educador, que deve trabalhar em prol do acesso e permanência do educando ao conhecimento, compreendendo suas peculiaridades oferecendo o suporte necessário, garantindo o seu direito às aprendizagens escolares.

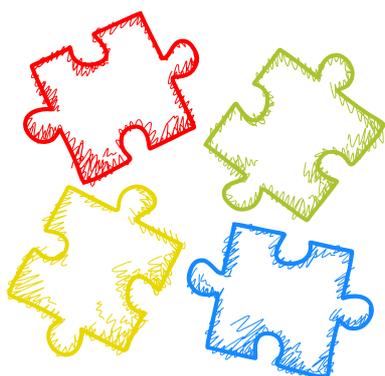
Quaisquer que sejam os desafios, é preciso superá-los, pois não podemos mais conviver com modelos de escola excludentes herdadas do passado. O século XXI exige uma nova escola – inclusiva, dinâmica e democrática - que além de construir o conhecimento, tenha como papel primordial possibilitar uma escola inclusiva.

Urge a necessidade de reflexão sobre a transformação de posturas afetivas e sociais para o avanço em uma educação para todos, valorizando as diferenças, a fim de garantir igualdade de oportunidades e adaptação de um sistema educativo com foco na equidade.



ESCOLA DOS DIFERENTES OU ESCOLA DAS DIFERENÇAS?

Este provavelmente não é um tema novo e com toda certeza você, educador, já teve a oportunidade de refletir e discutir sobre o assunto, mas como muito nos ensinou o mestre Paulo Freire (1982):



[...] é que nem sempre o óbvio é tão óbvio quanto a gente pensa que ele é. E, às vezes, quando a gente se aproxima da obviedade e toma a obviedade na mão, e dá uma rachadura na obviedade, e tenta entrar na obviedade para vê-la desde dentro e de dentro e por dentro (isto é, ver o óbvio de dentro e de dentro dele olhar para fora), é que a gente vê mesmo que nem sempre o óbvio é tão óbvio.

A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os educandos e educandas constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos nas suas diferenças. Nas escolas inclusivas, ninguém se conforma com padrões que identificam os educandos como especiais e normais, comuns. Todos se igualam por suas diferenças!

A inclusão escolar impulsiona a construção de uma escola em que todos os educandos estão inseridos sem a existência de quaisquer condições/barreiras que possam ser limitantes ao seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e de maneira que nenhuma delas possa ser motivo de diferenciação que os exclua das atividades propostas para sua turma.

Isto implica uma pergunta fundante:

“ Como garantir o direito à diferença nas escolas que ainda entendem que as diferenças estão apenas em alguns educandos, principalmente naqueles que são negativamente compreendidos e/ou diagnosticados como problemas, doentes, indesejáveis e a maioria com diagnósticos sem volta? ”

O questionamento constante dos processos de diferenciação entre escolas e educandos que decorre da oposição entre a identidade “normal” de alguns e a de “especial” de outros, é uma das garantias permanentes do direito à diferença. Os alvos desse questionamento devem recair diretamente sobre as práticas de ensino que as escolas adotam e que servem para excluir.

Quando entendemos esses processos de diferenciação pela deficiência ou por outras características que elegemos com o intuito de excluir, percebemos as discrepâncias que nos faziam defender as escolas dos diferentes como solução privilegiada para atender as necessidades dos alunos. Pactuamos, então, para o sentido incluyente das escolas das diferenças. Essas escolas reúnem em seus espaços educacionais os educandos tais como eles são: únicos, singulares, mutantes, compreendendo-os como pessoas que diferem umas das outras, que não conseguimos conter em conjuntos definidos por um único atributo o qual elegemos para diferenciá-las.



Para a compreensão e efetivação das políticas públicas é necessária a sistematização das diretrizes e concepções que norteiam as ações. Assim, o Quadro de Saberes Necessários (QSN)/2019, evidencia uma proposta curricular que vislumbra uma escola democrática e inclusiva, quando explicita saberes considerando as dimensões do humano de modo a favorecer o respeito às diferenças e o combate à discriminação de qualquer natureza.

Em seus documentos introdutórios sobre Educação Inclusiva, o Quadro de Saberes Necessários (QSN) destaca:

Entende-se o termo “inclusão” como oposto ao termo “exclusão”. Dessa forma, a educação inclusiva pode ser definida como uma reforma educacional que incentiva a educação conjunta de todos os educandos, independentemente de suas características individuais e do nível socioeconômico, removendo as barreiras de aprendizagem e valorizando as diferenças, para promover a melhor aprendizagem de todos (BRASIL, 2007) (Guarulhos, 2019, p.18)

ACOLHIMENTO DOS EDUCANDOS

A inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas com o objetivo de oferecer acesso e participação de todas as crianças em todas as possibilidades de oportunidades oferecidas pela escola, no sentido de impedir a segregação e o isolamento dos tratados como menos capazes academicamente e que são, geralmente, pessoas que vivem em desvantagens social e econômica, portanto de alguma forma já excluídas. Tal constatação nos remete à responsabilidade social que deve ser assumida pela educação e pela escola como instituição, mas jamais pelo professor isoladamente.

Estamos nos referindo à inclusão como o processo de pensar e realizar uma prática em que não basta colocar as crianças nas escolas regulares, sobretudo redimensionar as escolas para torná-las mais responsivas e acessíveis às necessidades de todos os aprendentes. Sendo necessário engajar os educadores para a corresponsabilidade pela aprendizagem de todas as crianças, bem como instrumentalizá-los para ensinarem aquelas aprendentes que estão correntemente excluídas da escola por alguma razão.

A esse respeito, Santos e Paulino (2008) salientam que:

[...] Inclusão e exclusão são conceitos intrinsecamente ligados, e um não pode existir sem o outro porque inclusão é, em última instância, a luta contra exclusões. Analisando desta forma podemos então afirmar que sempre existirá a luta por uma educação inclusiva. Se exclusões sempre existirão, a inclusão nunca poderá ser encarada como um fim em si mesmo. Inclusão sempre é um processo. (p.12).

A busca pelo estabelecimento de relações afetivas é indispensável para a formação do indivíduo, independente de suas condições. O afeto leva o indivíduo à condição de sensibilidade, tanto para educadores como para educandos e suas famílias. Os professores dentro de um processo inclusivo devem ser sensíveis às ações das pessoas com deficiências específicas. Nesse processo se estabelecem os vínculos e isso proporciona a vontade e o desejo de fazer, de realizar. É nessa vontade e desejo que os educadores devem se fortalecer para romper barreiras e lidar com as frustrações comuns em um processo de educação inclusiva.



A LUTA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA conhecendo e identificando barreiras

O Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRPSP) lançou um novo filme da série “Pioneiras da Psicologia”, intitulado “Psicologia e a Luta de Pessoas com Deficiência: de Lígia Assumpção Amaral aos debates contemporâneos”. O documentário conta a trajetória de vida e profissional da psicóloga, e traz reflexões sobre como as pessoas com deficiência(s) são inseridas nos debates atuais.

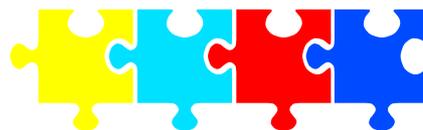


Lígia Amaral, além de pesquisadora, foi uma das precursoras dentro da área a tratar da questão da deficiência, sendo ela mesma uma pessoa com deficiência. Além de seu exemplo, convidados trazem importantes proposições sobre a trajetória de luta das pessoas com deficiência(s), problematizam o capacitismo e apontam a urgência em reconhecer e incluir a diversidade.

Uma das pioneiras da Psicologia, Lígia Amaral, em sua dissertação de mestrado “Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo”, defendida em 1987, trouxe uma nova perspectiva para a produção acadêmica ao escrever sobre deficiência a partir das próprias experiências.

Ao longo da vida, publicou cinco livros, entre eles “Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)” (1995) e “Tirando a deficiência da estante” (1996), fora os diversos capítulos de livros, artigos e publicações em anais de congressos. Seu legado se envereda pelo ambiente acadêmico e social, entrelaçando pesquisa e aprendizagens a partir de uma perspectiva não preconceituosa e inclusiva.

Observe exemplos do discurso capacitista e de expressões que não devem mais ser reproduzidas:



“Retardado”: o uso dessa expressão tem a intenção de ofender o interlocutor por agir de forma equivocada, comparando-o com pessoas que apresentam retardo mental ou deficiência intelectual.

“Hoje estou meio autista”: é utilizada para expressar que uma pessoa está mal-humorada ou sem vontade de socializar, zombando de uma condição do espectro autista.

“Desculpa de aleijado é muleta”: tornou-se um ditado popular para se referir a pessoas que dão desculpas para não fazer algo, como se quem realmente precisa de muletas para andar não fosse aceitável.

“Isso está meio capenga/coxo/manco”: essa expressão costuma ser usada para designar algo quebrado, estragado ou ruim, fazendo referência à deficiência física de pessoas com dificuldade de andar.

“Mais perdido que cego em tiroeteio”: é geralmente dirigida a alguém que não sabe o que está acontecendo ou como proceder em determinada situação, comparando-a a uma pessoa com deficiência visual, que seria incapaz de realizar as mesmas atividades que aquelas que enxergam.

“Dar uma de João sem braço”: expressão utilizada para se referir a pessoas preguiçosas, folgadas ou com desinteresse em realizar determinada tarefa, associando-as a quem possui má-formação ou ausência de algum membro.

A escola deve ser um ambiente que promova uma educação inclusiva e voltada à diversidade, é fundamental ensinar as crianças a respeitar e conviver com as diferenças, mostrando a elas que o capacitismo é uma prática inaceitável que não deve ser reproduzida.

O que a escola tem feito para combater o capacitismo e transformar esse ambiente em um lugar para todos, que acolha os educandos e ofereça apoio àqueles que ainda encontram barreiras para a aprendizagem?

Desejo que essa reflexão possa levar a eventuais questionamentos sobre o saber e o fazer que adquirem vida e plasticidade no cotidiano do contexto educacional.

CONHECENDO E IDENTIFICANDO BARREIRAS

A Lei Federal nº 13.146, de 06 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), diz:

[...] Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

[...] IV - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

- a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo;
- b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados;
- c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes;
- d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;
- e) barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas;
- f) barreiras tecnológicas: as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias; [...]



E as barreiras atitudinais?

Em última instância, são anteparos interpostos nas relações entre duas pessoas, onde uma tem uma predisposição desfavorável em relação à outra, por ser esta significativamente diferente, em especial quanto às condições preconizadas como ideais.

Devemos aqui nos referir ao preconceito que, como a própria construção da palavra indica, é um conceito que formamos aprioristicamente, anterior portanto à nossa experiência. Dois são seus componentes básicos: a atitude (predisposições psíquicas favoráveis ou desfavoráveis em relação a algo ou alguém - no caso aqui discutido, desfavorável por excelência) e o desconhecimento concreto e vivencial desse algo ou alguém, assim como de nossas próprias reações diante deles.



A atitude que subjaz ao preconceito baseia-se, por sua vez, em conteúdos emocionais: atração, amor, admiração, medo, raiva, repulsa ... Os preconceitos, assim constituídos, são como filtros de nossa percepção, colorindo o olhar, modulando o ouvir, modelando o tocar ... - fazendo com que não percebamos a totalidade do que se encontra à nossa frente. Configuram uma predisposição perceptual.

O estereótipo (no contexto aqui abordado) é a concretização/personificação do preconceito. Cria-se um "tipo" fixo e imutável que caracterizará o objeto em questão - seja ele uma pessoa, um grupo ou um fenômeno. Esse estereótipo será o alvo das ações subsequentes e, ao mesmo tempo, o biombo que estará interposto entre o agente da ação e a pessoa real à sua frente.

Nosso universo vivencial está superlotado de estereótipos. Se "puxarmos" pela memória encontraremos vários deles presentes em nosso cotidiano: negros, judeus, homossexuais, prostitutas, loucos ... Alguns programas de televisão, inclusive, sobrevivem graças à exploração (tantas vezes até grosseira) desses estereótipos - tornando-os cada vez mais familiares ao público e, por uma distorção perceptiva acumulada, até "naturais".

De outra forma: fruto de informações tendenciosas prévias ou do desconhecimento (seja oriundo de desinformação factual, seja oriundo de emoções/sentimentos não elaborados) abrigamos em nós atitudes diante de um determinado alvo de atenção: algo, alguém ou algum fenômeno. Essas atitudes, em princípio, darão o "tom" de nossas ações e reações no convívio com esse alvo de atenção. Esse "tom" será, nas circunstâncias a que este texto se refere, colorido pois pelo preconceito. No caso dos relacionamentos humanos, a concretização desse preconceito dar-se-á pela relação vivida com um estereótipo e não com a pessoa.

Esteriótipos

No que se refere à deficiência, encontramos também estereótipos particularizados em relação aos tipos de deficiência, como o deficiente físico ser "o revoltado" ou "o gênio intelectual"; o cego ser "o cordato" ou "o sensível" ou "o gênio musical"; o surdo ser "o isolado" ou "o impaciente"; a pessoa com Síndrome de Down ser "a meiguice personificada".



Além desses estereótipos particularizados, penso que existem três outros mais generalistas (chamemos assim) que são, da mesma forma, empregados por muitos de nós na vida cotidiana, pelos meios de comunicação em massa, pela literatura, pelo teatro ... Refiro-me a um deplorável trio, composto pelos estereótipos de herói, vítima e vilão.

Ao primeiro cabe sempre o papel daquele que supera todos os obstáculos, ultrapassa todas as barreiras, é "o bom" - corporificação do bem - e até mesmo o melhor; ao segundo cabe o papel de agente desestruturador, destrutivo, de ser "o mau" - corporificação do mal; ao terceiro cabe o papel de impotente, de coitadinho.



É preciso que se diga: muitos de nós, que pesquisamos na área das deficiências, temos comprovado a existência desses estereótipos genéricos correlacionados não só às pessoas com deficiência, mas quase de modo indiscriminado a todos aqueles que são significativamente diferentes (indígenas, judeus, negros, homossexuais), ou seja, por uma série de condições psicossociais (atitudes, preconceitos e estigma).

CONHECENDO OUTRAS FORMAS DA COMUNICAÇÃO HUMANA



O homem sempre buscou se comunicar de diversas maneiras para interagir com as demais pessoas do seu ambiente e para suprir suas necessidades. A linguagem surge pela urgência do ser humano de se comunicar com o outro, para organizar e fortalecer o grupo. Assim, nas relações interpessoais ocorre a construção de um sistema simbólico de signos linguísticos (palavra, significado e sentido) a ser utilizado pelos membros de um determinado meio social.

A linguagem não é inata, ou seja, a linguagem se adquire e se desenvolve a partir das interações entre pessoas e instrumentos culturais. O primeiro meio de contato social do ser humano é o choro, ou seja, é a partir dele que a criança manifesta suas necessidades. Nesse momento de vida, os bebês não dominam a linguagem como um sistema simbólico e é na interação com a mãe ao atender seu choro que, ao mesmo tempo atribui significados a ele, se inicia o processo de inserção da criança na linguagem.

A comunicação humana está vinculada a processos mentais, fisiológicos, psicoafetivos e culturais, pois o significado das palavras une pensamento e linguagem, por exemplo, ao atribuir um nome a um objeto podemos diferenciá-lo de outros e guardá-lo na memória.

Quando pensamos em comunicação, a primeira ideia que vem à mente é a fala, mas ela não é a única forma que uma pessoa usa para se comunicar. Além da fala, a comunicação se estabelece por várias outras formas: gestos, símbolos, expressões, sinais, sons etc. Nessa perspectiva, compreendemos que a comunicação se manifesta por meio da linguagem e seus vários elementos expressivos. Então, tudo o que queremos comunicar está representado por palavras e podemos expressá-las de diferentes maneiras. Por exemplo, se queremos beber água podemos:

-  Pedir oralmente;
-  Pedir escrevendo;
-  Fazer um gesto como sinal de positivo em direção à boca;
-  Apontar uma torneira ou copo;
-  Apontar imagem de pessoa bebendo água.

Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA)



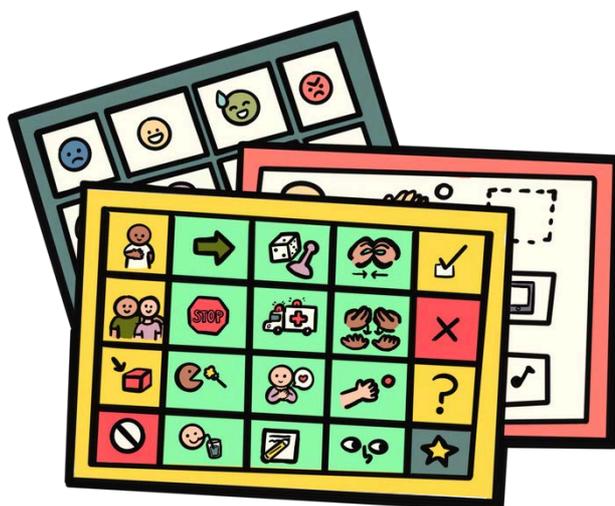
Comunicação suplementar e/ou alternativa refere-se a todas as formas de comunicação que possam complementar, suplementar e/ou substituir a fala. Dirige-se a cobrir as necessidades de recepção, compreensão e expressão da linguagem e, assim, aumentar a interação comunicativa dos indivíduos não falantes. (Von Tetzchner e Jensen, 1996).

A comunicação aumentativa e alternativa é uma das áreas da tecnologia assistiva que propõe a utilização de outro meio para a pessoa se comunicar, ao invés da fala; expressando ideias, sentimentos, desejos e necessidades. É utilizada para compensar, temporária ou permanentemente, a dificuldade da pessoa em se expressar oralmente e tem como objetivo valorizar e dar significado a todos seus sinais expressivos.

Há vários sistemas alternativos para comunicação que devem ser construídos com a própria criança a partir do conhecimento do seu nível de compreensão da linguagem, isto é, se conhece o significado das palavras, se associa o nome aos objetos ou imagens ou escrita.

É importante que pais e educadores estejam atentos na observação para compreenderem quais são as formas que a criança usa para se comunicar, assim como, para atribuir significados a estas formas de expressão: um sorriso, um resmungo, movimentos corporais, movimentos dos dedos das mãos ou dos pés, abertura da boca, jogar-se para trás, caretas.

Qualquer sinal deve ser interpretado, isto é, devemos atribuir significado para a expressão da criança e, assim, o transformamos em linguagem, por exemplo: jogar o corpo para trás quando gostou da brincadeira, então ao reconhecermos essa forma de expressão dizemos: Você gostou da brincadeira, quer brincar mais? Esse é o primeiro passo para iniciar a inserção da criança no sistema simbólico da comunicação e, a partir daí, avançar para que ela aprenda formas de expressão mais convencionais e que podem ser compreendidas socialmente.



Ainda, para definição do sistema de comunicação, precisamos conhecer as formas que o educando se comunica:

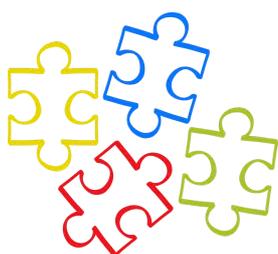
- **Sem ajuda** – quando o educando não requer nenhum auxílio externo, ou seja, nada além de seu próprio corpo. Entre outros inclui gestos, linguagem corporal, expressões faciais, piscar de olhos etc., expressões totalmente produzidas pelo educando por meio de ações sem o auxílio de outra pessoa ou de recursos.
- **Com ajuda** - quando o educando utiliza instrumentos externos ao seu corpo. Por exemplo: objetos reais, miniaturas (objetos, animais), imagens (fotografias, desenhos) ou a escrita, aparelhos de fala sintetizada (vocalizadores), equipamentos de informática (computadores, tablets, smartphones).
- **Dependente** – o educando necessita de outra pessoa para selecionar e indicar os estímulos (objetos, imagens, símbolos gráficos, alfabeto ou palavras etc.) que serão interpretados para estabelecer a comunicação. A pessoa que auxilia vai indicando uma figura após a outra (sistema de varredura na linha ou na coluna) até que o educando selecione (pelo piscar de olhos, aceno com a cabeça, expressão facial ou sons etc.) o estímulo que representa o que se quer comunicar.
- **Independente** – o educando se comunica por meio de dispositivos eletrônicos, mouse comum ou adaptado ou, até mesmo, por apontamento direto. Outro aspecto a ser considerado é o modo como o educando pode selecionar os elementos que compõem a prancha/pasta ou caixa de comunicação.



A utilização dos recursos da CAA, além de favorecer e expandir a comunicação, também proporciona uma maior participação nas atividades do cotidiano, favorecendo a compreensão das rotinas escolar e familiar, permitindo ao educando antecipar e compreender o que irá acontecer e o que se espera dele, melhorando sua participação e atenção durante as atividades. A inclusão comunicativa não se restringe à disponibilização de recursos, sejam eles de tecnologias de alto ou de baixo custo. Tão ou mais importante do que isso, é a presença de interlocutores interessados em interagir e acolher as mensagens da pessoa não oralizada.

TIX Letramento

A Prefeitura de Guarulhos, implementou o TIX Letramento Teclado Inteligente Multifuncional, equipamento de tecnologia assistiva adquirido pela Secretaria de Educação para as salas de recursos multifuncionais dos 71 equipamentos nos polos de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A ferramenta atende alunos com deficiências físicas e motoras ou cognitivas da rede municipal. Desenvolvido por meio de parceria entre a TIX e o Grupo Actcon, o material de apoio oferece soluções essenciais para contribuir com a alfabetização e o letramento das crianças de forma lúdica e interativa. Além disso, com esse material, os professores podem construir caminhos que ajudam os alunos a progredir, expandir a criatividade e o pensamento crítico, a se comunicar e a desenvolver saberes e autonomia.



Ao todo são atendidos mais de 3 mil alunos com deficiência na rede municipal.

Ressaltamos também que a Secretaria de Educação promoveu formação com os coordenadores de programas educacionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e com os professores de educação especial (PEE) do Projeto de Referência e Apoio à Inclusão Educacional. A atividade focou a utilização do TIX Letramento teclado-mouse inteligente e software nas salas de recursos multifuncionais na rede municipal, equipamento que auxilia no desenvolvimento dos alunos com deficiência de forma lúdica e interativa, além de proporcionar autonomia.

Recursos de comunicação alternativa e aumentativa no contexto escolar

Contação de histórias

Ao contar histórias para os educandos, podemos definir vários objetivos de aprendizagem:

-  Ampliar o vocabulário;
-  Ser um modelo de leitor proficiente;
-  Desenvolver algum tipo de estratégia/procedimento de leitura, entre outros.

Para que os educandos não oralizados possam participar dessa atividade e ter garantido seu direito de aprendizagem, é necessária a utilização de recursos de comunicação alternativa que possibilitem sua participação ativa, dando suas opiniões e demonstrando sua compreensão da história.

Alguns aspectos referentes aos educandos devem ser observados pelo educador para a realização da contação de histórias:

- Reconhecer as formas de comunicação do educando: expressão facial e/ou corporal, gestos indicativos e/ou representativos, indicação de sim/não, vocalizações e/ou outras;
- Identificar se o educando associa o nome ao objeto concreto, ou à imagem, ou à escrita;
- Separar os recursos e os materiais (objetos concretos, miniaturas, imagens ou escrita) para a apresentação da história a fim de atender as necessidades comunicativas dos educandos.



O educador deve observar:

- Quais educandos necessitam da apresentação do objeto concreto para compreensão dos conceitos;
- Quais necessitam de apresentação de imagens; e
- Quais já alfabetizados basta a escrita para a compreensão da história.

Ao identificar que o educando está compreendendo, o educador deve realizar intervenções para estimulá-lo a avançar em seu nível de compreensão e formas de expressão.

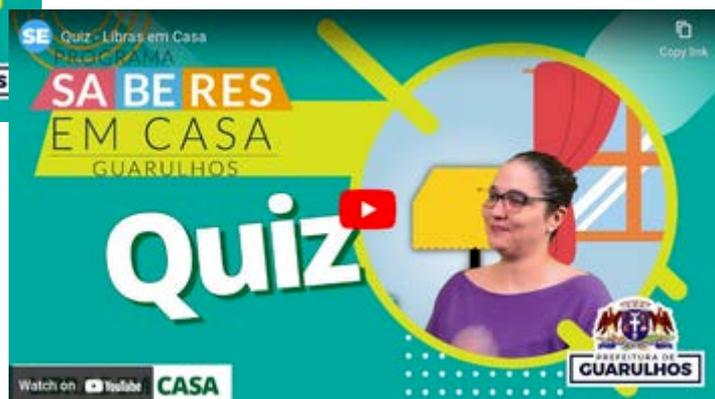
Outro recurso de comunicação que pode ser utilizado no espaço escolar é a prancha temática, que pode ser confeccionada com desenhos, imagens, fotos etc., que representem o tema que está sendo trabalhado. A função da prancha temática é possibilitar que o educando que não se comunica oralmente e não escreve, possa acompanhar a rotina escolar, um conteúdo pedagógico, uma história, uma música etc.

Pode, ainda, ser construída com o conteúdo da história, para que o educando possa conversar sobre ela e o educador avaliar sua compreensão.

Contaçõ de história utilizando objetos concretos. A fonoaudióloga da Seção Técnica de Apoio Terapêutico Educacional, do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas - DOEP, Dra. Simone Campos Braz Giannini nos mostra essa possibilidade.



Outros exemplos práticos de contaçõ de história para o educando surdo



A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NO AMBIENTE ESCOLAR

As considerações teóricas de Vygotsky e Wallon relacionadas às rotinas

Historicamente, diferentes concepções acerca de infância surgiram e passaram por inúmeras transformações a partir do final do século passado. Nesta perspectiva, dois pesquisadores sociointeracionistas, Vygotsky e Wallon, na área da psicologia trouxeram grandes contribuições teóricas sobre desenvolvimento infantil. As teorias sociointeracionistas ressaltam o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, cabendo ao adulto proporcionar experiências rotineiras diversificadas e enriquecedoras, a fim de que as crianças possam fortalecer a autoestima e desenvolver suas capacidades.

Segundo Vygotsky (1984, apud Oliveira, 2002), a construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural e não uma formação natural e universal da espécie humana. Enquanto os animais agem e reagem à natureza de forma sensorial instintiva, o homem extrapola suas capacidades sensoriais pelo uso de instrumentos construídos que não se reduzem às dimensões materiais, mas incluem a utilização de signos que estimulam diferentes funções mentais.

O autor destaca a existência de signos que a princípio não são criados ou descobertos pelo sujeito, mas o sujeito dele se apropria desde o nascimento, na sua relação com parceiros mais experientes que emprestam significações a suas ações nas tarefas realizadas em conjunto. É por isso que Vygotsky (1984) afirma que toda função psicológica superior manifesta-se, primeiro, em uma situação interpessoal e depois em uma situação intrapessoal. Para analisar esse processo, ele criou o conceito de desenvolvimento proximal. Assim, para este autor a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) consiste na distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

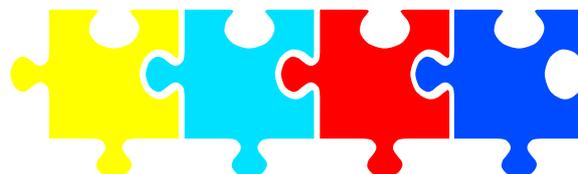


Para compreender a teoria de Wallon (1989) num contexto de rotina escolar planejada é necessário ressaltar as características centrais dos três primeiros estágios do desenvolvimento psicogenético definidos por ele. A passagem de um estágio para outro não é uma simples ampliação, mas uma reformulação do estágio anterior. O ritmo pelo qual as etapas do desenvolvimento vão se sucedendo é descontínuo e marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas, isto é, um comportamento que parecia já ter sido superado em fase anterior pode voltar em uma nova fase. O estágio impulsivo-emocional, sensório-motor e do personalismo nas teorias de Henri Wallon nos dá indícios de que a rotina pedagógica é um elemento indispensável à prática docente no contexto histórico atual da educação. Ele propôs o estudo integrado do desenvolvimento infantil, contemplando os aspectos da afetividade, da motricidade e da inteligência. Segundo Wallon, o desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito faz delas.

Assim, os aspectos físicos do espaço, a mediação das pessoas próximas, recursos materiais e linguagens utilizadas ao seu redor, bem como os conhecimentos presentes na cultura contribuem efetivamente para formar o contexto de educação.



Segundo Oliveira (2002), assim como Vygotsky, Wallon considerava o desenvolvimento humano como resultante de dupla história, que envolve as condições do sujeito e as sucessivas situações nas quais ele se envolve e as quais responde. Wallon chama atenção para o fato de que cada indivíduo constrói seu pensamento e a si mesmo enquanto sujeito, podendo este imergir em uma experiência interpessoal, apagando seus próprios limites e construindo uma unidade momentaneamente indissociável com o parceiro ou com o “mundo” onde ele não distingue o que é seu (gestos, reações, opiniões e outros aspectos) daquilo que não é, para seguir, e por isso mesmo, tentar diferenciar-se desse outro, de seu contexto, eliminando os elementos que julga alheio. Os conflitos que surgem das interações significativas com outras pessoas possibilitam à criança formar representações coletivas, que ampliam o seu acesso ao meio simbólico e à cultura que a rodeia. Ao manifestar reflexos e movimentos, a criança exterioriza estados de satisfação ou insatisfação que são transformados em recursos expressivos, suscitando das pessoas que dela cuida, intervindo e possibilitando a criança uma ruptura na organização que ela havia até então construído. Isto implica destacar quanto os profissionais das escolas têm a responsabilidade de planejar uma rotina escolar competente e bem fundamentada pedagogicamente, que se aproxime ao máximo das necessidades socioeducativas das crianças.



Os materiais são elementos essenciais na organização das rotinas. A existência, variedade e exploração desses materiais possibilita criar alternativas em termos de atividades para os grupos.

É possível procurar o outro lado da rotina, seu lado encantador, de aprender fazer todos os dias, de maneiras distintas as tarefas que nos garantem a vida e, também, a conviver diariamente com nossos pares, crianças e educadores, recriando esses atos e essas relações.

Assim, para organizar estas atividades no tempo, é fundamental levar em consideração as necessidades biológicas, como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene e à sua faixa etária; às necessidades psicológicas, que se referem às diferenças individuais como o tempo e o ritmo de cada um; as necessidades sociais e históricas que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida.

É interessante aqui reforçar a ideia de que a rotina deve prever pouca espera das crianças, principalmente durante os períodos de higiene e de alimentação. A espera pode ser evitada se organizarmos a nossa sala de aula de maneira que a criança tenha a possibilidade de realizar outras atividades, de forma mais autônoma, tendo livre acesso a espaços e materiais, enquanto o professor está atendendo uma única criança.

As atividades escolares devem adaptar-se à prática diária da criança. Quando não se levam em conta as necessidades e objetivos presentes no desenvolvimento infantil a prática rotineira constitui um funcionamento forçado e empobrecido.

Neste sentido, o educador deve apresentar situações de ensino que leve em conta o papel (utilidade e importância) que as atividades representam na vida do educando.



A importância da rotina escolar

A rotina é importante para todos nós, mas quando temos um aluno com deficiência ou transtorno do espectro autista ela é fundamental, pois a rotina é estruturante, diminui a ansiedade e facilita a aquisição de conceitos importantes através das generalizações.

Muitas vezes eles apresentam prejuízos cognitivos, de linguagem e de percepção do que está acontecendo a sua volta e por isso não compreendem a sequência de atividades- o que se espera que seja realizado, e demonstram através de comportamentos inadequados ou crises de ansiedade a necessidade de organização externa e concreta para que possam se organizar internamente e cumprir a rotina estabelecida.

Estabelecer uma rotina e antecipação visual para que ela possa orientar-se e preparar-se para as atividades e eventos na escola, mostrar-lhe visualmente como se comportar por meio de regras da sala, fazer um planejamento pautado em atividades voltadas para as suas potencialidades e possibilidades cognitivas e sensoriais também são atitudes muito úteis.

A rotina auxilia a organização das ações de todas as crianças, incluindo as com TEA, pois para Barbosa (2006) a rotina pedagógica é um componente de suporte da formação escolar e da normalização dos sujeitos que se apropriam dos espaços comuns de cuidado e educação. Esse conceito não é um direito apenas da sociedade da atualidade, mas, trata-se de uma concepção construída social e historicamente. Por isso, ensinar a rotina é importantíssimo e deve estar presente na organização do cotidiano dos sujeitos escolares, já que exerce grande influência positiva no processo de aprendizagem.

As crianças com deficiência normalmente possuem uma rotina extremamente estruturada, envolvendo diversas atividades de cuidados em casa, escola (permitindo interação com outras crianças) e terapias com equipe multidisciplinar.

É necessário que possamos enxergar esse momento de construção da rotina entre professor da sala regular e professor de AEE/PEE como sendo uma oportunidade para envolver todos os profissionais da unidade escolar, em especial aos apoios (estagiários, agentes de apoio à inclusão, para evolução da criança, pensando em atividades que tenham significado e sejam adequadas de acordo com as características de cada criança.

Dessa forma, as atividades são ligadas ao indivíduo e não devem ser generalizadas. Esse é o momento que devemos usar muito o “fazer junto”, sempre partindo da avaliação inicial, observando sempre o interesse da criança, através de estratégias motivadoras, brincadeiras e aquilo que ela já sabe fazer. Por isso, descrevemos algumas dicas importantes:

- *Pense a atividade como um processo de passo a passo, com começo, meio e fim;*
- *Utilize a mesma estratégia para realizar uma atividade repetidamente, pois assim a criança sente-se mais segura conseguindo gerar um processo de aprendizagem;*
- *Estabeleça uma rotina realizável, evite elencar um número excessivo de atividades;*
- *A rotina necessita de repetição. É importante sempre observar como o educando reage à rotina estabelecida e dê continuidade, mantenha a constância;*
- *Intercale atividades prazerosas para o educando entre as atividades planejadas para o dia;*
- *Para essa construção junto com a turma, precisamos que considere em que nível alguns educandos estão, se compreendem o que estamos falando, se necessitam de uma rotina estruturada concreta, por figuras, criptogramas ou se já estão no nível de palavras impressas.*



Desafios e possibilidades no processo de construção e uso da rotina estruturada no ambiente escolar

A construção e o uso da rotina estruturada no cotidiano escolar apresentam desafios e possibilidades para o processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos educandos.

Para superar os desafios e aproveitar as possibilidades na construção da rotina escolar, é importante: envolver os educandos em todo o processo; considerar suas necessidades individuais; buscar o equilíbrio entre atividades estruturadas e flexibilidade; oferecer variedade de estímulos; e criar um ambiente acolhedor e inclusivo.

Dessa forma, a rotina escolar pode ser observada por diversos aspectos:

1. Variedade de necessidades: Os educandos têm necessidades diferentes, como preferências pessoais, formas de aprender, ritmos de aprendizagem e habilidades consolidadas e potencialidades distintas. Criar uma rotina que atenda a todas essas variedades de necessidades pode ser o primeiro desafio.

2. Gerenciamento do tempo: É preciso estabelecer uma rotina que garanta o acesso a todos os Saberes e as Aprendizagens definidos na Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN)/2019, organizando uma proposta pedagógica que também considere os momentos para as pausas que se fizerem necessárias. Gerenciar o tempo de forma que contemple todas as necessidades de aprendizagem da turma é o segundo desafio para os educadores.

3. Engajamento (participação) dos educandos: Manter os educandos engajados e motivados ao longo do dia escolar é um grande desafio, especialmente se a rotina não oferecer variedade de atividades e estímulos adequados.

4. Estabilidade e previsibilidade: Uma rotina bem estruturada proporciona um senso de estabilidade e previsibilidade para os educandos, o que promove a sensação de

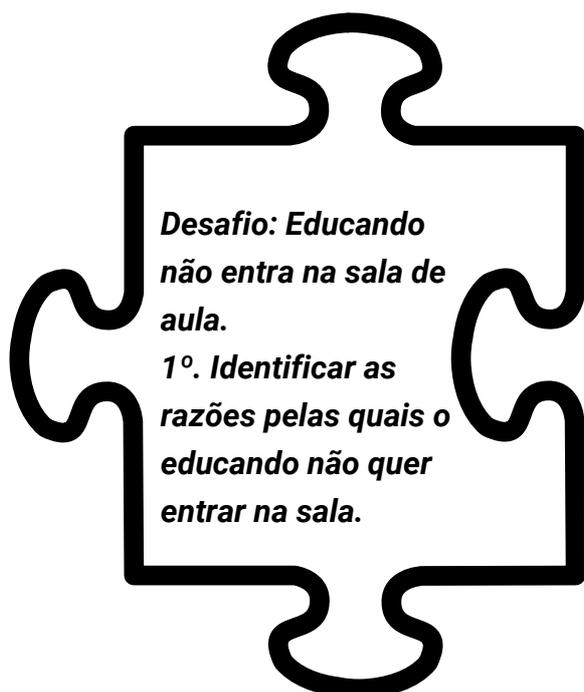
segurança, reduzindo a ansiedade relacionada a situações desconhecidas ou imprevisíveis e facilitar a participação nas atividades. A previsibilidade das rotinas facilita a transição de uma atividade para outra, minimizando a desorganização ou o desconforto que podem surgir com mudanças abruptas.

5. Desenvolvimento de aprendizagens de autorregulação[1]: Uma rotina consistente ajuda os educandos a desenvolverem aprendizagens de autorregulação, como gerenciamento do tempo, organização e responsabilidade.

6. Facilitação da aprendizagem: Uma rotina bem planejada e estruturada facilita o processo de aprendizagem, pois os educandos sabem o que esperar e podem se concentrar mais facilmente nas atividades propostas. Os educandos com deficiência se beneficiam de repetição e prática sistemática para fortalecer suas aprendizagens cognitivas, motoras e de comunicação.

7. Socialização e interação: A rotina escolar deve prever propostas para a socialização e interação entre os educandos, favorecendo o desenvolvimento de aprendizagens sociais e o trabalho em grupo.

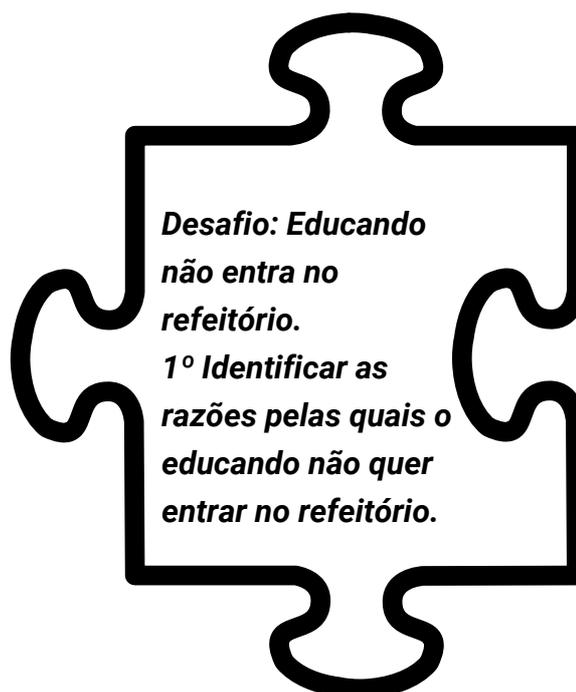
Possibilidades de trabalho com a Rotina



LEITURA

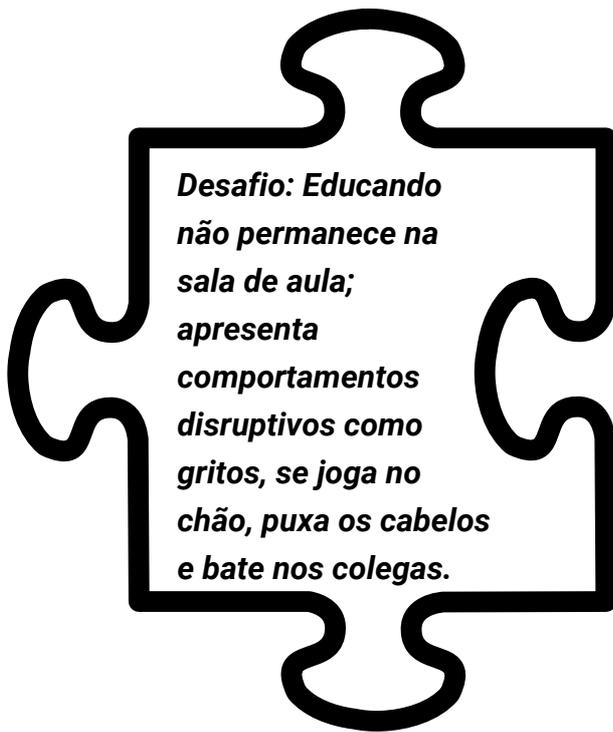
Como trabalhar a participação do educando nessa atividade?

Possibilidade: Promover a leitura em outros ambientes a fim de que o educando estabeleça vínculos e construa referências com o professor e os colegas de turma. Primeiramente, para ampliar o tempo de permanência do educando no espaço em que a atividade está ocorrendo, seja dentro ou fora da sala, podemos utilizar objetos do seu interesse para atrair sua atenção, pois, neste primeiro momento, estamos trabalhando a interação do educando com o ambiente e, depois, a interação do mesmo com a atividade de leitura.



CAFÉ

Possibilidades: Considerando que muitas vezes o barulho excessivo, iluminação intensa, aglomerado de educandos, cheiros ou dificuldades sensoriais podem contribuir para que esse comportamento ocorra, é necessário oferecer um ambiente alternativo, caso a situação no refeitório seja muito desafiadora. Pode ser uma sala mais tranquila ou uma área separada adequada para a alimentação. Ofereça um espaço mais calmo e menos estimulante para o educando. Horários flexíveis: Considere a possibilidade de ajustar os horários de refeição do educando para evitar períodos de grande agitação no refeitório.



ATIVIDADE EM SALA

Possibilidades: Os desafios e possibilidades de atividades em sala de aula para pessoas com deficiência podem variar dependendo do tipo específico de deficiência e das necessidades individuais do educando.

1. *Reconheça as necessidades da pessoa. É importante entender as necessidades e habilidades específicas da pessoa com deficiência.*
2. *Utilize diferentes formas de comunicação, como linguagem verbal, visual, tátil e gestual, para garantir que ela compreenda e se expresse da melhor forma possível.*
3. *Inclua atividades sensoriais que estimulem os sentidos do educando, como atividades táteis, olfativas e de movimento. Essas atividades podem ajudar no desenvolvimento cognitivo e sensorial do educando.*
4. *Identifique as habilidades e interesses individuais do educando e incorpore-os nas atividades em sala de aula. Isso pode ajudar a aumentar sua motivação, engajamento e permanência em sala de aula.*
5. *Incorpore interesses pessoais nas atividades. Conheça os interesses específicos do educando e procure integrá-los nas atividades em sala de aula. Por exemplo, se ele tem interesse em carros, inclua atividades que envolvam carros, como jogos de correspondência com imagens de carros ou leitura de livros relacionados a carros. Isso o ajudará a se engajar mais nas atividades.*
6. *Utilize linguagem simples, clara e direta ao dar instruções ou se comunicar com o educando. Evite metáforas ou expressões ambíguas que possam causar confusão. Fale em um tom de voz baixo, calmo e use gestos ou demonstrações visuais para auxiliar na compreensão.*
7. *Reconheça que o educando pode precisar de pausas regulares ou mais tempo para fazer transições entre as atividades. Nesse intervalo, utilize atividades prazerosas que o educando já sabe fazer sozinho e goste de fazer. Permita que ele tenha momentos de descanso ou intervalos curtos quando necessário. Dê avisos antecipados sobre mudanças nas atividades para ajudá-lo a se preparar e a fazer a transição de forma mais suave.*

Comportamentos disruptivos em sala de aula por pessoas com autismo podem ocorrer devido a uma variedade de razões, como dificuldades de comunicação, sensibilidades sensoriais, ansiedade, dificuldades de regulação emocional ou dificuldades em lidar com demandas sociais. Aqui estão algumas estratégias que podem ajudar a lidar com esses comportamentos e promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo:

1. Procure identificar as possíveis causas dos comportamentos disruptivos. Observe e registre os eventos antecedentes, as características do ambiente e as possíveis consequências dos comportamentos. Compreender as razões subjacentes ajudará a desenvolver estratégias mais eficazes.
2. Divida as atividades em etapas menores e mais gerenciáveis, fornecendo instruções claras e apoio adicional conforme necessário. Isso ajudará o educando a se sentir mais seguro e reduzirá a probabilidade de comportamentos disruptivos decorrentes de sobrecarga cognitiva.
3. Utilize um sistema de reforço positivo para incentivar e recompensar comportamentos apropriados. Reconheça e elogie o educando por suas realizações, esforços e comportamentos positivos. Isso fortalecerá o vínculo entre o comportamento adequado e as consequências positivas, incentivando a repetição desses comportamentos. Pode ser um simples cumprimento de “parabéns”. Verifique o que traz esse estímulo positivo a ele.



PARQUE

Desafio: Educando não interage com os colegas e não brinca/realiza as propostas de maneira funcional.

Possibilidades:

1. *Observe para entender o motivo pelo qual o educando não está interagindo. Ele pode estar se sentindo desconfortável, inseguro, com dificuldades de comunicação ou enfrentando algum tipo de barreira física. Compreender a causa subjacente é importante para poder tomar as medidas adequadas.*
2. *Estimule os demais colegas a se aproximarem e incluam o educando com deficiência nas atividades. Incentive-os a serem gentis, pacientes e compreensivos. É importante promover uma cultura de inclusão e respeito entre todos os educandos (crianças, adolescentes, jovens e adultos).*
3. *Planeje atividades que incentivem a interação em grupo, como jogos cooperativos, brincadeiras em equipe ou projetos conjuntos. Essas atividades proporcionam oportunidades para que os educandos interajam e trabalhem juntos, ajudando a construir vínculos.*
4. *Promova a sensibilização e a educação sobre a inclusão e as diferentes deficiências entre os colegas. Realize atividades que ajudem os educandos a entenderem as necessidades e habilidades dos outros, incentivando o respeito e a aceitação das diferenças. Cada pessoa é única, e é necessário adaptar as abordagens de acordo com suas necessidades individuais.*

ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA NO CONTEXTO ESCOLAR

AVDs é a sigla utilizada para se referir às ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA, que são tarefas essenciais que fazem parte da rotina diária das pessoas, como: se vestir, tomar banho, comer e cuidar da higiene pessoal.

São essas atividades que nos permitem ter autonomia e independência nos garantindo ser e agir em comunidade com liberdade e autocuidado.

Na Proposta Curricular Quadro de Saberes Necessários – QSN (2019) da Educação Infantil no Campo de Experiências: O EU, O OUTRO E NÓS, encontramos:

O EU, O OUTRO E O NÓS		
BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
SABER: Construir uma autoimagem positiva, conquistar autoconfiança, independência e autonomia.		
Conhecer seu corpo e sensações por meio da observação e de brincadeiras. 🧒🧒	Reconhecer seu próprio corpo, suas sensações e necessidades, em diversos momentos, como alimentação, higiene, uso do sanitário, atividades da rotina escolar etc. Reconhecer as sensações e as necessidades relativas ao próprio corpo nomeando-as. 🧒🧒	Demonstrar valorização das características do seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos). 🧒🧒

IDENTIDADES E ALTERIDADES			
1º E 2º ANOS	2º E 3º ANOS	3º E 4º ANOS	4º E 5º ANOS
SABER: Valorizar e respeitar as diferentes construções identitárias, reconhecendo-as como partes de si mesmo e que se estabelecem na presença das diferenças e do outro (alter).			
Desenvolver hábitos e atitudes relacionados à autoproteção, defesa e prevenção de acidentes em situações de risco.		Valorizar-se utilizando hábitos de autocuidado e proteção do corpo.	

No Ensino Fundamental, nos Eixos: O educando e a Cultura de Paz e Educação em Direitos Humanos: interações, afetividades e identidades, Unidade Temática “Identidades e Alteridades”.

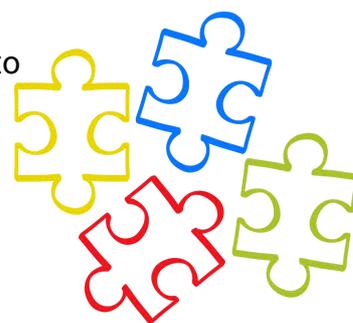
E O Educando e os saberes relativos à Natureza e Sociedade, Unidade Temática “Ciências”, os Saberes e as Aprendizagens que os educandos precisam desenvolver:

CIÊNCIAS			
1º E 2º ANOS	2º E 3º ANOS	3º E 4º ANOS	4º E 5º ANOS
SABER: Perceber, conhecer, reconhecer e valorizar todas as formas de vida e que a biodiversidade sofre transformações durante seu próprio desenvolvimento. (continuação)			
Reconhecer seu esquema corporal (conhecimento do corpo como um todo e de suas partes) e, com base nele, sua imagem corporal (imagens que construímos de nós mesmos).	Comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças.	Analisar o desenvolvimento e o funcionamento do corpo humano e identificar suas características nas fases da vida (infância, adolescência, fase adulta e velhice), respeitando as diferenças individuais.	
Reconhecer as razões pelas quais os hábitos de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, escovar os dentes, limpar os olhos, nariz e orelhas etc.) são necessários para a manutenção da saúde.	Identificar e aplicar ações que valorizem a vida, a saúde e a qualidade de vida, considerando a alimentação, cuidados pessoais, a prevenção de acidentes, a sexualidade, entre outros.	Relacionar a participação de fungos e bactérias no processo de decomposição, reconhecendo a importância ambiental desse processo, e verificar a participação de microrganismos na produção de alimentos, combustíveis, medicamentos, entre outros.	Propor, com base no conhecimento das formas de transmissão de alguns microrganismos (vírus, bactérias e protozoários), atitudes e medidas adequadas para prevenção de doenças associadas a eles.

- No contexto escolar, o trabalho sistemático para o desenvolvimento das AVDs deve fazer parte do planejamento dos professores que devem reconhecer sua importância, pois favorece também o desenvolvimento motor: coordenação motora, noção espacial, percepção sensorial e aprendizagens de organização.
- Além disso, as AVDs são essenciais para o desenvolvimento de aprendizagens sociais, como colaboração, respeito, empatia e comunicação, já que muitas vezes essas atividades são realizadas em grupo ou com a interação de um colega ou professor.

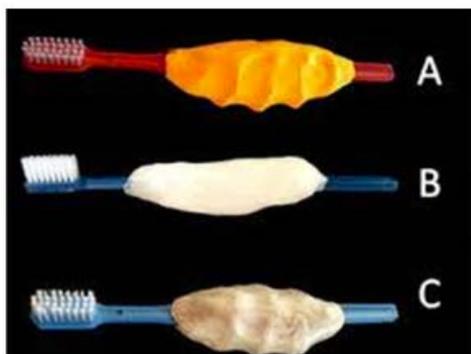
No caso de educandos com deficiência, as atividades de vida diária (AVDs) desempenham um papel crucial no desenvolvimento de aprendizagens práticas e na promoção da autonomia. O que devemos ter em mente é que o TEMPO de aprendizagem difere entre as pessoas.

Aqui estão algumas atividades de vida diária que podem ser adaptadas para atender às necessidades individuais dos educandos:



Higiene pessoal

Ensinar habilidades de higiene, como lavar as mãos, escovar os dentes, pentear o cabelo é fundamental para a saúde e bem-estar dos educandos. Essas atividades podem ser adaptadas com o uso de dispositivos auxiliares, apoio físico ou instruções visuais, conforme necessário.



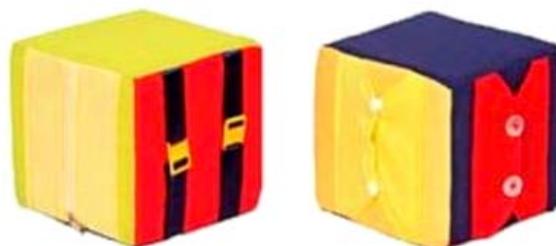
Alimentação

Promover a independência na alimentação é importante. Isso pode envolver atividades como aprender a segurar e usar talheres, beber suco em um copo ou garrafa, selecionar e manipular alimentos. É possível adaptar utensílios de alimentação para facilitar o manuseio.



Vestir-se

Ensinar habilidades de higiene, como lavar as mãos, escovar os dentes, pentear o cabelo é fundamental para a saúde e bem-estar dos educandos. Essas atividades podem ser adaptadas com o uso de dispositivos auxiliares, apoio físico ou instruções visuais, conforme necessário.





Organização pessoal

Ajudar os educandos a organizarem seus pertences, como mochilas, materiais escolares e roupas, pode contribuir para sua autonomia. Instruções visuais, rotinas e sistemas de armazenamento organizados podem ser úteis nesse sentido.

Um organizador de materiais escolares pode ser construído junto com todos os educandos, pois organizar seus pertences é uma aprendizagem importante para toda a turma, além disso, desenvolve outras aprendizagens como: separar e classificar formando conjuntos a partir de critérios dados: por finalidade, por cor, por tamanho, entre outras possibilidades.



Fonte: <https://blogosiclerenaio.blogspot.com/2012/08/organizando-o-material-escolar.html>



Gerenciamento do tempo

Ensinar os educandos a lidar com o tempo e seguir uma rotina é importante. Isso pode incluir o uso de calendários visuais. Aqui relembramos a importância da rotina diária estruturada e ampliamos para a marcação do tempo no calendário para que possam compreender a passagem dos dias e meses durante o ano, os números dos dias do mês, nomes dos dias da semana, nomes dos meses.

Também pode ser construído com materiais recicláveis como o papelão encapado com plástico transparente ou adesivo, para ser escrito com caneta para lousa branca, assim, pode ser reutilizado durante o ano todo.

MÊS		ANO				
DOMINGO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO

Fonte: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Lingua-Portuguesa-e-Matematica-Aluno-2014>.
Cadernos de Apoio e Aprendizagem. Prefeitura Municipal de São Paulo, 2014.

**IMPORTANTE: NÃO COLOQUEM
MUITAS INFORMAÇÕES E
NEM UTILIZEM MUITAS CORES.**

Hierarquia de dicas

É importante adaptar as atividades de vida diária às necessidades e habilidades específicas de cada educando com deficiência, oferecendo suporte adequado, instruções claras e incentivo positivo.

Ao ensinar atividades de vida diária (AVDs) para educandos na escola, é útil seguir uma hierarquia de dicas que gradualmente aumenta o nível de suporte e orientação fornecidos.

Veja, a seguir, o exemplo de hierarquia de dicas.

1º PASSO

Seja o modelo:



<https://www.cleanipedia.com/tr/familia/higiene-pessoal-infantil.html>

Comece demonstrando a atividade você mesmo, realizando-a de maneira clara e precisa. Isso permite que os educandos observem e compreendam o que é esperado deles.

2º PASSO

Instruções verbais:

Forneça instruções verbais, passo a passo, para orientar os educandos durante a realização da atividade. Explique claramente cada etapa e forneça orientações adicionais conforme necessário.

3º PASSO

Instruções visuais:



Utilize recursos visuais, como cartazes ou imagens, para reforçar as instruções verbais. Isso pode ajudá-los a visualizar cada etapa da atividade e a entenderem a sequência correta.

No link abaixo é possível ver como as instruções visuais estão sendo utilizadas na EPG Edson Nunes Malecka:

<https://www.instagram.com/reel/Cs9gBoPug8b/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng%3D%3D>

4º PASSO

Dicas táteis ou físicas:



https://br.freepik.com/fotos-gratis/mae-lavando-as-maos-do-filho-com-cuidado-no-banheiro-fecha-prevencao-de-infeccao-e-disseminacao-do-virus-da-pneumonia_13565181.htm

Se um educando estiver tendo dificuldades em uma etapa específica das AVDs, você pode fornecer dicas táteis ou físicas para ajudá-lo. Isso pode envolver tocar levemente na mão dele para mostrar o movimento correto ou fornecer suporte físico para ajudá-lo a realizar a tarefa.

Perguntas orientadoras: Faça perguntas orientadoras para incentivar a reflexão e a resolução de problemas. Isso estimula o pensamento crítico e a tomada de decisões por parte das crianças, permitindo que elas encontrem soluções por conta própria.

5º PASSO

Sequenciamento:

Divida as AVDs em etapas sequenciais e ensine cada etapa separadamente, garantindo que os educandos compreendam a ordem correta das ações. O sequenciamento ajuda a desenvolver habilidades de planejamento e organização.

É importante lembrar que a hierarquia de dicas deve ser flexível e adaptada às necessidades individuais de cada educando. Alguns educandos podem exigir mais suporte em determinadas etapas, enquanto outros podem progredir rapidamente para a autonomia. Dessa forma, devemos nos atentar para darmos instruções claras, precisas, concisas e adaptadas ao nível de compreensão deles. Use uma linguagem simples e visualmente apoiada, se necessário, para garantir que eles entendam o que é esperado deles.

É importante que uma dica seja dada de cada vez, ou seja, dê uma dica, aguarde que ele faça; depois a seguinte, aguarde que faça, e assim até concluir a tarefa.

Oferecer oportunidades regulares de prática repetitiva das AVDs, permitindo que os educandos desenvolvam confiança e habilidades ajuda a consolidar o aprendizado e a aprimorar as habilidades motoras.

Como estamos falando de atividades importantes para todos, é crucial que as mesmas sejam realizadas coletivamente pela turma, pois aprendemos na interação e pela imitação. Aproveite para observar quais educandos ainda não consolidaram tais aprendizagens e não somente os educandos com deficiência.



Para saber mais:



e assista de 58'12" até 1h08'52".

REDE DE APOIO AOS EDUCANDOS COM DEFICIÊNCIA



Ao falar em Rede de Apoio somos provocados a pensar num significado possível para a palavra rede, como a ligação entre distintos pontos na sua interligação, que criam conexões e ligações numa relação de interdependências, portanto, tem-se um conjunto em que os elementos se comunicam entre si e criam um movimento coletivo. Este sentido de rede aproxima-se do conceito de Rede de Apoio à Inclusão Educacional presente no trabalho de gestão das políticas públicas da Secretaria Municipal de Educação.

A Rede de Apoio se caracteriza num movimento coletivo, onde todos são corresponsáveis, tendo como função a garantia dos direitos dos educandos para a inclusão de todos no processo de escolarização.

Compõem a nossa rede de apoio: os estagiários de Pedagogia e Enfermagem; os Agentes de Apoio à Inclusão; os Auxiliares de Enfermagem; a Equipe multidisciplinar com terapeuta ocupacional, psicólogos, enfermeiros, fisioterapeutas e professor de educação especial; e o Atendimento Educacional Especializado - AEE, e as ações intersetoriais com a participação de entidades e do poder público.



Projeto “Na diferença se faz e se aprende”

O Projeto integra e amplia a Rede de Apoio à Inclusão Educacional contribuindo na garantia da permanência e da qualidade da educação ofertada aos educandos com deficiência e com transtornos do espectro autista e, em especial, àqueles na condição de dependência para realizar as atividades de vida diária – alimentação, locomoção e higiene, por meio de estagiários de Pedagogia e Enfermagem.

Em conjunto com o professor da turma, os estagiários articulam ações que possibilitem a aprendizagem e o desenvolvimento desses educandos, em específico nas atividades como: comunicação, locomoção, alimentação, higiene pessoal, vestuário, com o intuito de promover a autonomia e independência, como também sua inserção nas propostas pedagógicas da escola.

Atualmente, contamos com 02 (dois) convênios com o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), que asseguram esta rede de apoio à inclusão educacional em toda rede própria.

A Divisão supervisiona a atuação dos estagiários mediando este processo junto à equipe escolar, realizando as intervenções necessárias para alcançar os objetivos do Projeto e contribuindo com a Rede de Apoio à Inclusão Educacional e com a formação dos estagiários como futuros educadores.

**ATUALMENTE CONTAMOS
COM:
580 ESTAGIÁRIOS DE
PEDAGOGIA E
17 ESTAGIÁRIOS DE
ENFERMAGEM**

O Projeto é acompanhado por equipe interdisciplinar que realiza formação continuada com os estagiários. As formações têm como foco a Educação Inclusiva como um todo e, prioritariamente, sobre as Deficiências e Transtornos do Espectro Autista (conceituação e a educação escolar da pessoa com deficiência).

Os estagiários

São estudantes regularmente matriculados no curso de nível superior em Pedagogia ou Enfermagem, contratados por empresa conveniada com a Secretaria Municipal de Educação, que atuam junto aos professores das turmas regulares que tenham matriculados educandos considerados público-alvo da Educação Especial, mediante avaliação de demanda realizada pela Divisão Técnica de Políticas para Diversidade e Inclusão Educacional.

Os estagiários contribuem na garantia da permanência e da qualidade da educação dos educandos com deficiência e Transtorno do Espectro Autista. Os de Pedagogia também prestam auxílio pedagógico aos alunos, através de atividades em sala regular de ensino, com supervisão dos professores que recebem as orientações do Professor-Coordenador de Programas Educacionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE).



Os agentes de apoio à inclusão



É o profissional com formação em nível médio, encarregado de oferecer suporte intensivo aos educandos com deficiência, na relação de interdependência para as atividades de vida diária (AVDs) - alimentação, higiene e locomoção.

Os Agentes de Apoio à Inclusão escolar auxiliam nas mais variadas atividades e desempenham funções que colaboram com a equipe de professores, atuando tanto em sala de aula quanto nos demais espaços da escola, de forma a acolher e atender as necessidades dos educandos com deficiência.





O trabalho realizado pelos agentes de apoio à inclusão, auxiliares de enfermagem e equipe multiprofissional composta por enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos se dá pela Colaboração entre a Secretaria de Educação e as OSCs Associação Interação para Promoção da Saúde e Desenvolvimento Social visando a execução, em regime de mútua cooperação, de Serviços de Apoio à Educação Especial nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino.

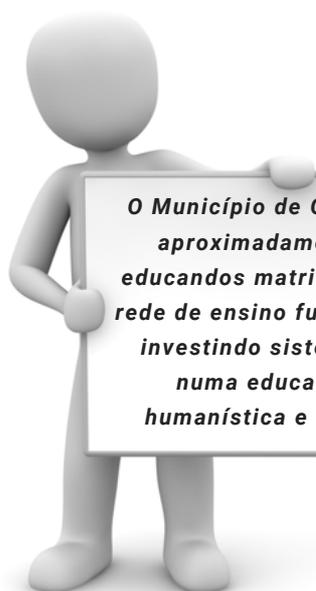


A atuação dos agentes de apoio à inclusão soma-se ainda ao atendimento educacional especializado oferecido pelas escolas, que rompe as barreiras da aprendizagem na materialização de uma educação humanizada e acolhedora.

Os auxiliares de enfermagem

É o profissional com formação de Auxiliar em Enfermagem, encarregado de oferecer suporte intensivo aos educandos que apresentem necessidades de saúde, mediante avaliação de demanda pela equipe da Divisão Técnica de Políticas para Diversidade e Inclusão Educacional.

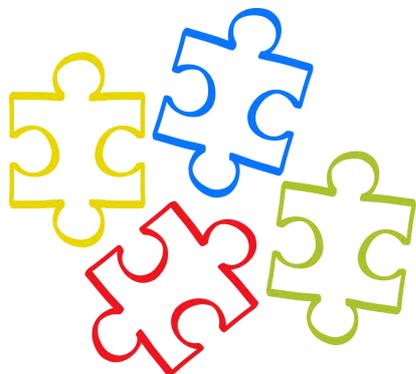
**ATUALMENTE CONTAMOS COM:
50 AUXILIARES DE ENFERMAGEM
e
05 ENFERMEIROS, sendo
90 EDUCANDOS ATENDIDOS**



O Município de Guarulhos, com aproximadamente 110 mil educandos matriculados em sua rede de ensino fundamental, vem investindo sistematicamente numa educação social, humanística e de qualidade.



Educação inclusiva significa educar todos os educandos no mesmo espaço escolar. Essa educação não significa negar as barreiras que as pessoas com deficiência irão enfrentar, ao contrário, obriga que as equipes escolares reconheçam quais são as barreiras existentes em sua escola para que sejam rompidas a fim de garantir os direitos de aprendizagem a todos.



Com a inclusão, as diferenças não são vistas como problemas, mas como diversidade. É essa variedade, a partir da realidade social, que pode ampliar a visão de mundo e desenvolver oportunidades de convivência a todos os educandos. (ALONSO, 2013)

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação inclusiva, estamos considerando a diversidade de aprendizes e seu direito à equidade. Trata-se de equiparar oportunidades, garantindo-se a todos - inclusive às pessoas em situação de deficiência e aos de altas habilidades/superdotados, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. (CARVALHO, 2005 apud Nova Escola).

Ser professor é trabalhar com uma infinidade de potencialidades e possibilidades da existência humana. Essa é uma característica da atuação docente mais requerida no universo da Educação Inclusiva, proposta desde a década de 1990.

Na Educação Inclusiva, o direito à escolarização de todos é reconhecido. Para que esse direito seja colocado em prática, estão sendo criadas e ampliadas ações de universalização e democratização da educação nacional. Logo, surge um esforço para superar as condições materiais de exclusão econômica, social, cultural e biológica estabelecidas historicamente e expressas em um sistema educacional extremamente seletivo e meritocrático. Se antes a diferença era negada e a homogeneidade buscada, hoje, essas práticas não podem continuar existindo. Por mais que haja o desejo de agrupar, selecionar, classificar e enquadrar, é necessário superar esse ideal de turma homogênea. Não podemos continuar buscando fixar os sujeitos a modelos padronizados, devemos reconhecer as diferentes possibilidades de existência humana e garantir condições para que se constituam efetivamente como sujeitos de direitos num espaço inclusivo que lhes favoreça o acesso,

a permanência e as aprendizagens sem impor-lhes barreiras, principalmente as barreiras atitudinais que se baseiam no discurso capacitista.

Diferente não significa simplesmente diverso. Não se trata apenas de respeitar a diversidade e a diferença, mas de comprometer-se e aliar-se ao outro, reconhecer e compreender a luta histórica e situada dos grupos minoritários. A diferença está compromissada com as condições históricas, políticas, sociais, econômicas e culturais. Ela se apresenta, impõe-se, multiplica-se, potencializa-se (DELEUZE, 1988).

Nesse contexto, após a década de 1990, a diferença precisou ser reconhecida, compreendida e desafiada no cotidiano escolar. O primeiro passo sempre é o mais complicado, aquele o qual a insegurança e o medo habitam o mesmo universo propositivo. A superação desse conflito acontece na práxis cotidiana do exercício da docência. Portanto, é preciso estudar, ler e pesquisar para compreender e agir sobre a realidade.

IGUALDADE OU EQUIDADE?

Vemos as imagens ao lado circularem com frequência. Elas demonstram claramente que uma Educação Inclusiva deve estar pautada no princípio da equidade. Ouvimos muitas vezes que garantir as necessidades de cada um para que todos tenham as mesmas oportunidades de acesso à aprendizagem configura-se como “privilégio”, mas não é.

Dessa forma, é imprescindível que conheçamos cada um de nossos educandos reconhecendo suas potencialidades e suas necessidades.

Como termos escolas inclusivas?

Para garantir os direitos de aprendizagem dos educandos com deficiência, temos apontado para a importância da construção do PPI - Plano Pedagógico Individualizado.

Mas isso significa produzir um planejamento totalmente apartado do planejamento da turma? A resposta é NÃO.

Significa seguir, principalmente, um dos aspectos da concepção de Educação Integral, expressa na Proposta Curricular Quadro de Saberes Necessários – QSN (2019):
CENTRALIDADE NO EDUCANDO.

Cabe ao professor, em conjunto com a equipe escolar, analisar; diagnosticar as necessidades de aprendizagem da turma (e de cada educando individualmente); verificar no QSN quais os Saberes e as Aprendizagem estão definidos para a turma; estabelecer estratégias que favoreçam que TODOS alcancem os objetivos esperados. Nessa perspectiva, surge o olhar apurado para o educando com deficiência a fim de definir quais são as aprendizagens que ele possui e quais as que precisam ser desenvolvidas.

De acordo com o processo acima, agora, peço que façam, coletivamente, o exercício de construir uma parte do PPI – a avaliação diagnóstica, a partir da observação da personagem do curta que vocês assistiram.



<https://jornaldaparaiba.com.br/comunidade/diferenca-entre-igualdade-e-equidade/>



<https://jornaldaparaiba.com.br/comunidade/diferenca-entre-igualdade-e-equidade/>



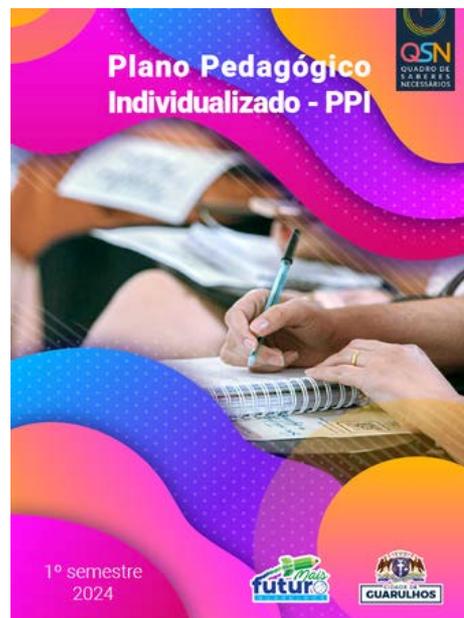
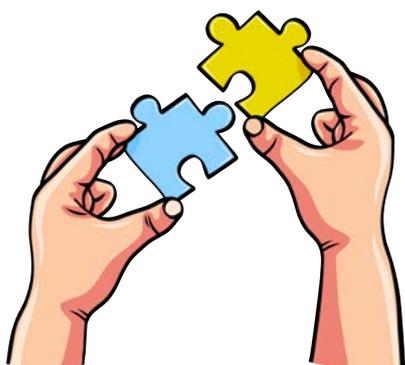
A concepção de educação para todos vai ao encontro de práticas pedagógicas que envolvam todos os educandos, independentemente de suas especificidades e necessidades. Assim, conforme a Declaração de Salamanca: O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças deveriam aprender juntas independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem conhecer e reconhecer as diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos quanto ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos por meio de um currículo apropriado, de modificações organizacionais, de estratégia de ensino, do uso de recursos e parcerias com a comunidade [...] (BRASIL, 1994). (GUARULHOS, 2019. Introdução).

PLANO PEDAGÓGICO INDIVIDUALIZADO

Quando falamos sobre as questões de aprendizagem dos educandos, é necessário que sejam identificadas aprendizagens consolidadas, as necessidades, as potencialidades, como aprendem, para que sejam capazes de continuar seu processo de escolarização.

Educação Inclusiva significa educar todos os educandos no mesmo espaço escolar, não necessariamente, ao mesmo tempo, nem da mesma forma.

Nesse sentido, o Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP), por meio da Divisão Técnica de Políticas Públicas para a Diversidade e Inclusão Educacional, a fim de subsidiar as equipes escolares, construiu o documento Plano Pedagógico Individualizado, a fim de subsidiar as equipes escolares na elaboração dos PPIs.



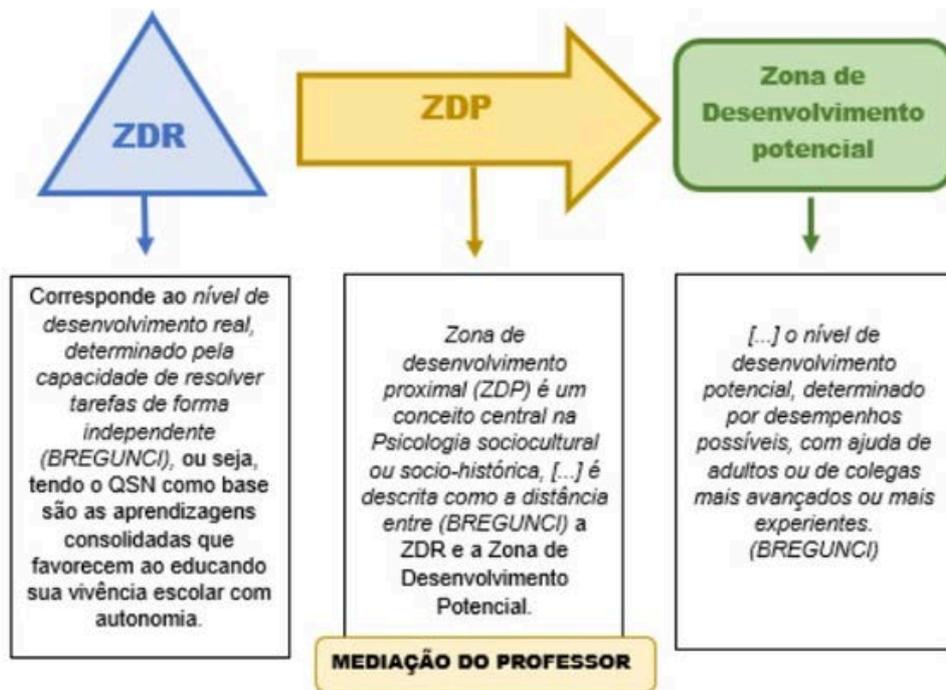
Para saber mais:



Para a garantia dos direitos de aprendizagem dos educandos com deficiência, lembramos que o professor da sala de aula regular, em conjunto com o professor da sala de recursos multifuncionais do AEE e/ou do professor de referência de apoio à inclusão, deverá elaborar o Plano Pedagógico Individualizado (PPI), que deve ser produzido para todos os educandos que apresentem alguma necessidade individual, considerando as especificidades dos sujeitos, exceto para aqueles que acessam o currículo sem necessidades de adequações e/ou adaptações.

O PAPEL DO PROFESSOR

Retomemos a teoria de Vygotsky observando a imagem abaixo:



QUAL O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM?

Considerando o diagrama acima, teremos que a atuação do professor se dá por meio de mediações conforme imagem abaixo:



Cabe ao professor promover essa mediação.



Dessa forma, os educandos em seu processo de aprendizagem necessitam das ações intencionais dos professores para que possam avançar em seus conhecimentos.



O que o professor media?

PESSOAS (EDUCANDOS)

e o

CONHECIMENTO ACUMULADO PELA HUMANIDADE

PESSOAS (EDUCANDOS) - é imprescindível que se conheça os educandos: o que sabe; potencial de aprendizagem; como aprendem; o que precisam para aprender.

CONHECIMENTO ACUMULADO PELA HUMANIDADE - está organizado em Saberes e Aprendizagens na Proposta Curricular - Quadro de Saberes e Aprendizagens (QSN)/2019.



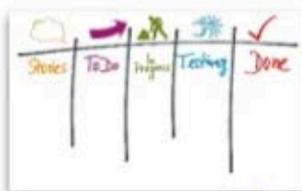
Compõem a mediação do professor as seguintes etapas



1. Identificar os Saberes e as Aprendizagens já consolidadas.



2. Verificar os Saberes e as Aprendizagens estabelecidas no QSN.



3. Planejar as ações:

Definir as aprendizagens em períodos de tempo: anual; semestral; bimestral e semanal;

Escolher as atividades que promoverão desafios para que os educandos reflitam, busquem informações, interajam entre eles, com materiais diversificados e com os espaços diversos em um tempo estabelecido;

Organizar os materiais (verificar as necessidades de adaptações) e os espaços. (Lembre-se dos módulos anteriores: INCLUA DIARIAMENTE O TRABALHO COM A ROTINA DIÁRIA ESTRUTURADA E COM AS AVDS.



4. Registrar o processo e os resultados: fotos, vídeos, áudios, relatos.



5. Organizar os registros em: portfólios; semanários; entre outros que podem ser físicos ou digitais.

Para retomar o que foi dito acima, assista ao vídeo pelo link: <https://youtu.be/apuuZlf7PFI>



Concepção de Avaliação - QSN

PROGRAMA SABERES EM CASA:

Desenvolvimento da Autonomia

Para contribuir com a atuação pedagógica dos professores, foram produzidos materiais de apoio e realizado eventos para refletir e se inspirarem.

O programa Saberes em Casa tem um quadro chamado Desenvolvimento da Autonomia, que visa complementar as ações das escolas e ampliar as possibilidades de aprendizagem dos educandos.

O programa tem como objetivo atender a todos os educandos da rede municipal de forma integrada, interdisciplinar e gradual, considerando as mais diversas realidades.



O quadro Desenvolvimento da Autonomia está voltado diretamente à família da criança, aos professores de AEE, PEE e estagiários, em articulação com a equipe escolar.

A ideia é proporcionar aos educandos com deficiência a oportunidade de aprenderem / reaprenderem a desempenhar de forma adequada e adaptada as atividades que encontram no seu dia a dia, dando-lhes o máximo de funcionalidade e autonomia, para que consigam ser o mais independentes possível.



Para saber mais, acesse a página do Programa Saberes em Casa, no Portal SE/Informe:

https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/wp_site/saberes/



SEMANA NACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLA

Em cumprimento à Lei Federal nº 13.585/2017, durante esta Semana, uma ação realizada por esta Divisão é o Seminário da Pessoa com Deficiência, iniciativa da Secretaria de Educação, por meio do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP), que tem como objetivo sensibilizar e promover discussões acerca do protagonismo da pessoa com deficiência, considerando sua participação na sociedade em relação às suas potencialidades, chamando a atenção para as necessidades e políticas públicas de combate ao preconceito. Participam desse evento, coordenadores pedagógicos, gestores, professores do Atendimento Educacional Especializado, professores de Educação Especial, familiares, conselhos, subsecretarias e demais convidados.



“

A LBI foi um propulsor para políticas públicas de inclusão, sendo um marco importante também para consolidar a Lei Federal nº 13.585/2017, que instituiu a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla, celebrando a promoção de ações de inclusão social e de combate ao preconceito e à discriminação da pessoa com deficiência.

FASCÍCULOS

A Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos vem, ao longo dos anos, implementando ações que buscam uma educação pautada no respeito e na valorização à diversidade humana presentes na escola.

Nesse sentido, elaboramos fascículos com temáticas variadas, com o objetivo de subsidiar as discussões sobre inclusão junto aos educadores da Rede Municipal de Educação de Guarulhos

ao mesmo tempo em que visa favorecer a reelaboração das práticas educativas na perspectiva inclusiva.

Optamos por iniciar esta coletânea de fascículos abordando especificamente as questões relacionadas às crianças, jovens e adultos com deficiência, pela obviedade de ser este o desafio mais emergente em nossa Rede.



*Para saber mais:

<https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/40/>

SEÇÃO TÉCNICA DE APOIO TERAPÊUTICO E EDUCACIONAL

*A inclusão da pessoa com deficiência não decorrerá apenas de sonhos e de leis, mas de atitudes que afirmem uma opção concreta de vida.
(Gracia, 2006. OAB)*

A Seção Técnica de Apoio Terapêutico e Educacional tem por objetivo acompanhar e assessorar, através de equipe multidisciplinar as escolas da rede Municipal, orientando e mediando ações junto a comunidade escolar e nos encontros junto à Secretaria Educação.

Compartilhando nossas ações

Atendimentos aos educandos com:

- Paralisia Cerebral não oralizados;
- Deficiência Física;
- Deficiência Visual (cegos e baixa visão);
- Transtorno de Espectro Autista;
- Deficiência Intelectual;
- Altas Habilidades;
- Super dotação;
- Educandos com cuidados específicos de enfermagem;
- Entre outros.



Equipe da Seção Técnica:

- 02 Enfermeiros
- 01 Fisioterapeuta
- 01 Professora de Educação Especial Deficiência Visual
- 02 Psicólogos
- 01 Terapeuta Ocupacional
- 01 Agente de Apoio à Inclusão
- 01 Apoio administrativo

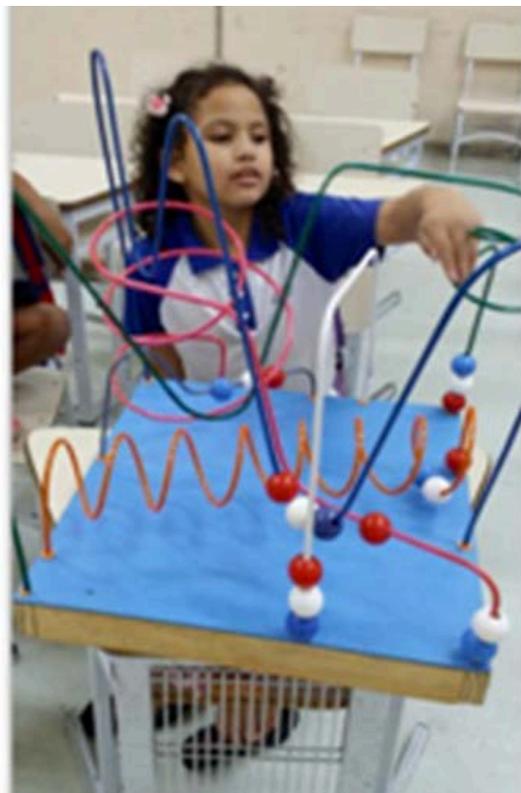


Realizar Acompanhamento e intervenções nas escolas relativas ao processo de escolarização dos educandos com deficiência a partir de concepções terapêuticas e educacionais.

Atendimento aos educandos com múltipla deficiência sensorial

Objetivos:

- Conhecer, observar e avaliar e atender os educandos e educandas com múltipla deficiência sensorial.
- Eliminar e/ou minimizar as barreiras para o acesso à construção dos conhecimentos;
- Indicação e uso de recursos e serviços de tecnologia assistiva;
- Realizar atendimento com enfoque educacional buscando ampliar a interação interpessoal;
- Adequação da condição postural;
- Desenvolver a condição funcional de membros superiores, formas de comunicação alternativa e estímulo das funções psicológicas superiores.

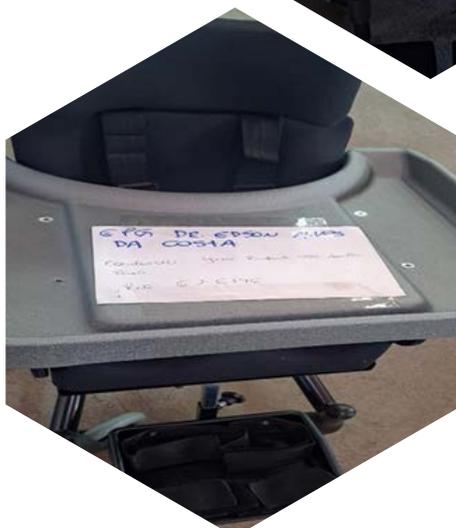


O trabalho envolve também promover espaços para dialogar com equipe escolar com vistas a compartilhar orientações sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento de educandos com deficiência física e múltipla deficiência sensorial.

Adequação postural e entrega de cadeiras de rodas adaptadas.

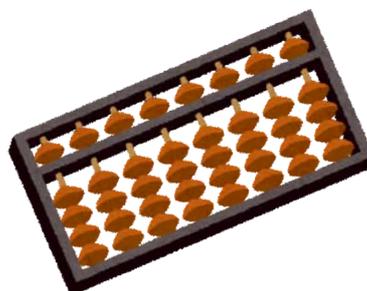
Atendimento às demandas de adequação postural, montagem das cadeiras de rodas e outras necessidades educacionais dos educandos com deficiência física.

- A ação é composta pelas fases: solicitar e receber prescrição da cadeira de rodas, se houver; caso não haja prescrição, enviar para a escola o formulário próprio para solicitação do equipamento; orientações à equipe escolar para preenchimento dos dados; após o recebimento do formulário esclarecer dúvidas se houver e caso persistir entrar em contato com as famílias para conhecer a criança;
- A cadeira de rodas adaptada enviada para a escola será utilizada pelo educando no espaço escolar e pertence ao patrimônio da escola. Por possuir estruturas ajustáveis, poderá ser utilizada por outros educandos.



Atendimento aos educandos com deficiência visual (cegos) e baixa visão

- Tem por objetivo realizar o ensino do sistema Braille, Sorobã e programa de informática Dosvox como forma de favorecer o processo de inclusão educacional.



IMPRESSORA BRAILE

- Essa ação engloba também a realização de avaliações destes, na Sala de Recursos ou na escola quando solicitados pela equipe escolar, com o objetivo de observar, conhecer e avaliar e fornecer orientações metodológicas e uso de recursos necessários à acessibilidade e eliminação de barreiras às atividades desenvolvidas na sala de aula.

- Acompanhamento e orientações nas escolas municipais, com o objetivo de orientar a equipe escolar sobre as adaptações e recursos pedagógicos necessários ao acesso e eliminação de barreiras às atividades desenvolvidas em sala de aula.



Sala de Recursos



Confeccionar materiais para atender as necessidades específicas para os educandos com deficiência visual;

Atendimento de educandos com necessidades de cuidados específicos de enfermagem

A equipe de enfermagem fica a cargo de avaliar os educandos e executar cuidados básicos, no caso dos estagiários de enfermagem, e mais complexos pelos auxiliares de enfermagem. Toda a ação é mediada pelos enfermeiros que constroem o plano de ação para cada educando atendido, considerando a doença de base e a especificidade de cuidado de cada um. Presando sempre pelo diálogo entre a equipe, a escola e a família.



A equipe de enfermagem é composta atualmente por:

- 02 Enfermeiros (servidores);**
- 05 Enfermeiros (empresas parceiras);**
- 17 Estagiários de Enfermagem (CIEE);**
- 50 Auxiliares de Enfermagem (empresas parceiras).**



**74 profissionais atuando
110 educandos atendidos**



Ações desenvolvidas pelos Psicólogos

Nas atribuições do Psicólogo que atua na Seção Técnica de Apoio Terapêutico e Educacional compete o atendimento aos educandos com o foco nas demandas que englobam suas deficiências e Transtornos do neurodesenvolvimento infantil, não julgado como relevante a presença do laudo.

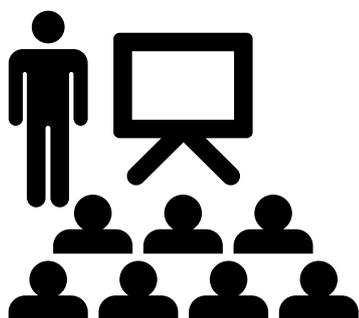


Investigar as possíveis barreiras que interferem na vivência do educando com deficiência no ambiente escolar, visando a garantia do acesso em todos os espaços e nas propostas pedagógicas.



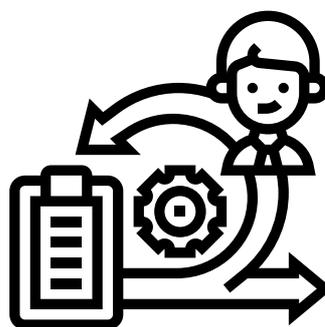
“Os transtornos do neurodesenvolvimento infantil tipicamente se manifestam cedo no desenvolvimento, em geral antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento ou diferenças nos processos cerebrais, o que acarreta prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Os déficits de desenvolvimento variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência. (DSM – 5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – Texto Revisado – 2023)”

Outras ações da Equipe



Espaço formativo para subsidiar as ações inclusivas:

Espaços formativos com metodologia participativa e colaborativa, apresentando temáticas que contenham subsídios conceituais, teóricos e metodológicos para favorecer que os(as) professores(as) do AEE possam ressignificar suas práticas e contribuir na consolidação de projetos pedagógicos comprometidos com o princípio da equidade e equiparação de oportunidades.



Avaliação realizada pela equipe multiprofissional para envio de apoio pedagógico:

A equipe realiza a avaliação de documentos escolares (PPI; Relatório do professor regular; Relatório do professor do AEE), além de laudos e documentos médicos. A solicitação chega via SIAGRU. A partir desta avaliação e de conversa, via telefone, com a gestão escolar, emitem um parecer técnico favorável ou não ao envio do profissional. Além de constarem no relatório, orientações de manejo.



Avaliação multidisciplinar: Termo de Ajuste de Conduta (TAC) e Comissão Interna de Avaliação (CIA)

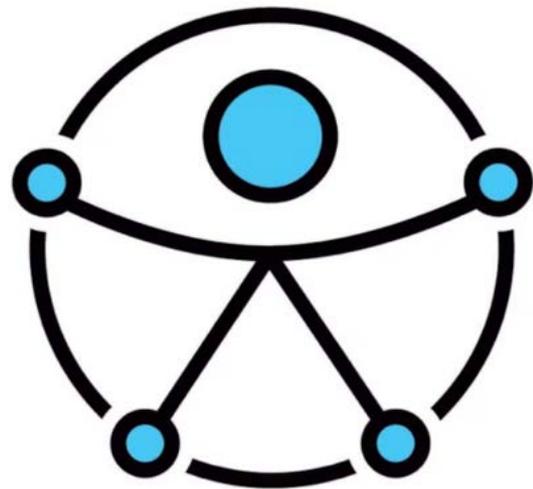
São avaliações realizadas pela equipe multidisciplinar dos municípios que buscam a Defensoria Pública, solicitando vaga em educação especial, ou a própria escola da rede municipal solicita a vaga a partir de uma avaliação do professor da sala regular juntamente com a coordenação pedagógica e professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Tem por objetivo, emitir parecer técnico de acordo com necessidades educacionais.

Os profissionais das áreas de psicologia, pedagogia, fisioterapia e terapia ocupacional realizam a avaliação em dois momentos diferentes.

Em uma sala com recursos pedagógicos, é avaliado o educando

Em outra sala é realizada uma anamnese com o responsável legal pelo educando



Após concluída a avaliação, a equipe multiprofissional elabora um relatório contendo o parecer técnico favorável ou não a solicitação.

Formação dos(as) estagiários(as) de pedagogia e Enfermagem: “ Na Diferença Se Faz e Se Aprende”

Formação de estagiários de pedagogia do projeto “Na Diferença se Faz e se Aprende” para apresentar aspectos teóricos sobre as deficiências e orientações sobre a atuação do estagiário junto aos educandos com deficiência, além de contribuir para constituição do olhar inclusivo aos futuros educadores.

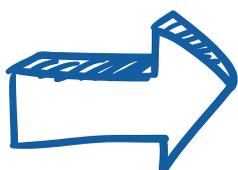


Formação e interlocuções com professores que atuam nos polos de Atendimento Educacional Especializado e suas abrangências. Além de discussões de casos, os encontros formativos visavam contribuir com subsídios teóricos, técnicos e metodológicos para as ações do profissional de AEE como um dos principais agentes do processo de inclusão educacional dos educandos com deficiência.

Atendimentos realizados pela Seção

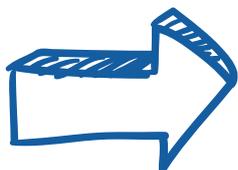
Dados da Seção: 2023 e 2024

VISITAS TÉCNICAS + SOLICITAÇÕES



ENFERMAGEM	257
PSICOLOGIA E FISIOTERAPIA	139
TERAPIA OCUPACIONAL , PEE - BAIXA VISÃO E CEGUEIRA	77
TOTAL	473
SOLICITAÇÃO DE APOIO DE ENFERMAGEM	109

AVALIAÇÃO E ATENDIMENTO DE EDUCANDOS



CIA	23
TAC	28
EDUCANDOS CEGOS	126
CADEIRA DE RODAS	90
SOLICITAÇÃO DE APOIO PEDAGÓGICO	450

TOTAL DE ATENDIMENTOS: 1444

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/exibir/arquivo/8333/inline/>
BRASIL. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. In: Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Corde, 1994.

BRASIL. Convenção da Guatemala. Brasília: MEC/SEESP, 1999.

COSTA, Verônica de Fátima. Inclusão, sem risco de incluir. Olinda, PE: Babeco, 2009.

CHAUI, M. tle S. (19H I) O que é ideologia. 21 ed. São Paulo: Brasiliense.

GOFFMAN, E. (1982) Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4a ed. Rio de Janeiro: Zahar.

OMOTE, S. (1984) Estereótipos de estudantes universitários em relação a diferentes categorias de pessoas deficientes. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado).

DELIBERATO, D.; Manzini, E.J. Comunicação alternativa e aumentativa: delineamento inicial para implementação do Picture Communication System (PCS). Boletim do Coe, Marília, v. 2, p. 29 - 39, 1997.

MANZINI, Eduardo José Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para comunicação alternativa. [2. ed.] / Eduardo José Manzini, Débora Deliberato. – Brasília: [MEC, SEESP], 2006.

NUNES, L. R (2003). Linguagem e Comunicação Alternativa: Uma introdução. Em L.R. Nunes (Org), Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidade educacionais especiais (pp. 1-13). Rio de Janeiro: Dunya.

Barbosa, Maria Carmen Silveira – Por amor e por força: rotinas na educação infantil - Porto Alegre: Artmed, 2006

Machado, T.L. Educação Montessori. São Paulo: Pioneira, 1986.

Oliveira, Z.R. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

Perrenoud, P. Ofício do aluno e sentido do trabalho escolar. Porto: Porto Editora, 1995.

Vygotsky, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Wallon, H. As origens do pensamento na criança. São Paulo: Monole, 1989.

Windholz, Margarida. Passo a passo, seu caminho: guia curricular para o ensino de habilidades básicas. Ed. Edicon

Catânia, Charles. Aprendizagem: Comportamento, linguagem e Cognição. Ed. Artmed 4ª edição

Silveira, Analice; Gomes, Camila. Ensino de habilidades de autocuidados para pessoa com autismo. Ed Appris

Khoury, Laís; Teixeira, Maria. Manejo comportamental de crianças com transtorno do espectro do autismo em condições de Inclusão Escolar, Ed Memnon.

ALONSO, Daniela. Os desafios da Educação inclusiva: foco nas redes de apoio. 2013. Revista Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/554/os-desafios-da-educacao-inclusiva-foco-nas-redes-de-apoio>. Acesso em: 22 de julho de 2023.

BRASÍLIA. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial Educação inclusiva: v. 3: a escola / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. – 2004.

GUARULHOS (SP). Quadro de Saberes Necessários (QSN) - Introdutório. Guarulhos, 2019a. Secretaria de Educação de Guarulhos. Disponível em: <http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/8/>. Acesso em: 22 de julho de 2023.

POKER. Rosimar Bortolini Poker ... [et al.]. Plano de desenvolvimento Individual para o atendimento educacional especializado. São Paulo. Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013 184p.

Divisão Técnica de Comunicação Educacional

Colaboração: Ana Paula O. A. Santos, Anna Solano, Carla Maio, Camila Rhodes, Danielle Chaves, Diego Alves, Eduardo Calabria, Gezer Amorim, Maira Kami, Mateus Barboza, Rodolfo Santana, Talita Siebra e William Ferreira.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP
CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300
<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>



CIDADE DE
GUARULHOS